

# Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de *Aeminium* (Coimbra)

\*Bolsheiro de Doutoramento da FCT. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP).

\*\*Bolsheiro de Pós-Doutoramento da FCT. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH).

\*\*\*Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP).

Ricardo Costeira da Silva\*  
Adolfo Fernández Fernández\*\*  
Pedro C. Carvalho\*\*\*

**Resumo** Em Coimbra os contextos tardo-antigos eram, até ao momento, pouco ou mesmo nada conhecidos. Contudo, face à importância da cidade antiga e ao que se conhecia para a vizinha *Conimbriga*, supunha-se que esta ausência poderia ser apenas aparente. Um estudo mais circunstanciado do que resultou das últimas intervenções arqueológicas realizadas no espaço do Museu Nacional de Machado de Castro, assim como o reexame de outras mais antigas (mediante a análise de um lote de materiais ainda não estudado), veio comprovar isso mesmo. Apresentam-se, assim, os dados dos ainda poucos contextos tardios identificados nesta notável área arqueológica, de onde provém um conjunto de espólio característico e que poderá fornecer as primeiras pistas acerca da ocupação e dinâmica comercial de *Aeminium* entre a segunda metade do século IV e os inícios do século VI.

**Abstract** Until now very little or nothing was known about Late Antiquity contexts in the city of Coimbra. However, the importance of the old city and what is known about the neighboring *Conimbriga* led us to assume that this absence was merely apparent. This hypothesis was proved true, after a more detailed study of data from the last archaeological interventions at the Museum Machado de Castro and the reexamination of unstudied lots of materials from earlier interventions at the same site. This text presents the data from the few Late Antiquity contexts identified in this remarkable archaeological area. The materials collected are characteristic from the second half of the 4<sup>th</sup> century and early 6<sup>th</sup> century AD and they provide the first clues about the commercial dynamics of *Aeminium* in that period.

## 1. Apresentação

O espaço ocupado pelo Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) conta com um vasto historial de atividade arqueológica que,

desde 1929 (a partir do momento da “descoberta” do criptopórtico), tem permitido reconstituir a evolução orgânica deste conjunto edificado nos últimos dois milénios. Estas intervenções permitiram conhecer em pormenor um dos monu-

mentos de época romana mais emblemáticos da cidade de Coimbra e do território português. As instalações deste museu assentam sobre o afamado criptopórtico dos fóruns da antiga cidade romana de *Aeminium*. Os mais recentes trabalhos arqueológicos permitiram concluir que o edifício primitivo começou por ser construído talvez por altura da mudança de era, tendo sido posteriormente reformulado e significativamente ampliado em meados da primeira centúria (Alarcão & *alii*, 2009). É sobre esta plataforma artificial herdada do fórum romano que, nos finais do século XI, se edifica um templo cristão e se inicia o processo que levaria, já no século XII, à reconversão deste sítio como paço episcopal, função que se manterá até ao advento da República e que motivará, durante quase um milénio, várias reformas e sucessivas transformações de todo este espaço construído<sup>1</sup>. No entanto, ao contrário destes dois momentos, pouco, ou mesmo nada, restou, ao nível do registo estratigráfico e arquitetónico, do período que medeia entre a sua fundação na Época Romana e o século XI. Com efeito, os vestígios que documentam a fase propriamente dita de ocupação do complexo forense são escassos, ao passo que os seus níveis de destruição e abandono se revelaram apenas muito pontualmente. Por sua vez, os séculos que imediatamente se seguiram à ocupação romana teimaram em não se mostrar nas sequências estratigráficas registadas (Carvalho, 1998). Porém, não era de todo credível que este lugar, situado no centro da colina da cidade antiga, se tenha tornado subitamente ermo após tão marcante presença.

O estudo das diversas ocupações do espaço do fórum de *Aeminium* deparou-se com um conjunto específico de problemáticas de certo modo transversais à arqueologia urbana e, sobretudo, a certo tipo de sítios com uma tão lata diacronia de ocupação. Ao longo dos últimos dois milénios verificou-se que, neste caso em particular, os diversos níveis de ocupação, abandono ou destruição foram sendo sucessivamente limpos, apagados ou então reintegrados em novas construções por vezes muito posteriores. Contudo, apesar de frequentemente ténues e desconexas, durante as intervenções que aqui decorreram — desde a década de 90 do século XX até ao recente processo de obra do MNMC — foi possível ir descortinando e juntando todo um conjunto de materiais e de sequências estratigráfi-

cas que agora, depois de uma análise circunstanciada, testemunham um tempo centrado entre os finais dos séculos IV e os inícios do VI. Comprova-se, deste modo, a continuidade de ocupação deste local em período tardio e revela-se um outro tempo que marcou a desativação do fórum e acompanhará a sua ruína. Estes novos dados, ainda que não possibilitem um desenho mais detalhado desta outra fase que se estende pela Antiguidade Tardia, permitem revelar melhor os traços quer do período tardo-antigo de uma região ainda com escassos indicadores, quer de uma cidade onde não se encontra um registo coevo, pelo menos publicado.

A quase ausência de materiais orientais tardo-antigos (datados do século V e VI) em toda a região centro do país constituirá um dos traços que, antes de mais, devemos sublinhar. Até ao momento, neste horizonte cronológico, destaca-se *Conimbriga*: com quatro ponderais bizantinos (Alarcão, 1994, p. 47 e n.º 415.16–19), cerca de uma centena de fragmentos de sigillata focense (Delgado, 1975, pp. 285–291) e fragmentos de ânforas orientais tardias (*Fouilles* VI, Pl. XIX, n.º 65 e Pl. XXII, n.º 52), que documentam, também por esta via, a sua ocupação continuada (e os contactos também com o mundo do Mediterrâneo oriental) durante o período centrado nos séculos V e VI (para uma resenha da *Conimbriga* deste período e das questões em aberto, cf. Alarcão, 2004). A relevância deste conjunto de materiais de *Conimbriga* (o qual se pode tornar ainda mais expressivo face a estudos em curso<sup>2</sup>) sustenta uma vez mais a sua singularidade, perante a ausência de um acervo semelhante em toda uma região que se estende quase entre o Tejo e o Douro (cf. Fabião, 2009, nomeadamente as figs. 4–6).

Todavia, esta reiterada ausência nos contextos escavados de cerâmicas finas e ânforas orientais tardias poderá antes resultar, muito provavelmente, tanto da sua não publicação como da sua não identificação ou classificação como tal. Com efeito, noutras regiões, tanto em paragens mais meridionais como no noroeste peninsular, os artigos importados desde o Mediterrâneo oriental continuam a observar-se no registo arqueológico do século V e da primeira metade do século VI. Serão mesmo reveladores de um padrão de comercialização que atesta uma continuidade das importações e, assim, uma certa manutenção dos circuitos de distribuição. As cerâmicas orientais (como as ânforas

<sup>1</sup> Prevê-se, em 2015, a apresentação da tese de doutoramento em Arqueologia de um dos autores (RCS), intitulada “O Museu Nacional de Machado de Castro - um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco”, que abordará em pormenor esta temática.

<sup>2</sup> Para além de uma extensa tese sobre as ânforas de *Conimbriga*, encontra-se a ser desenvolvido um novo estudo monográfico sobre as ânforas tardias importadas, o qual aportará muito mais informações sobre este tipo de materiais na cidade.

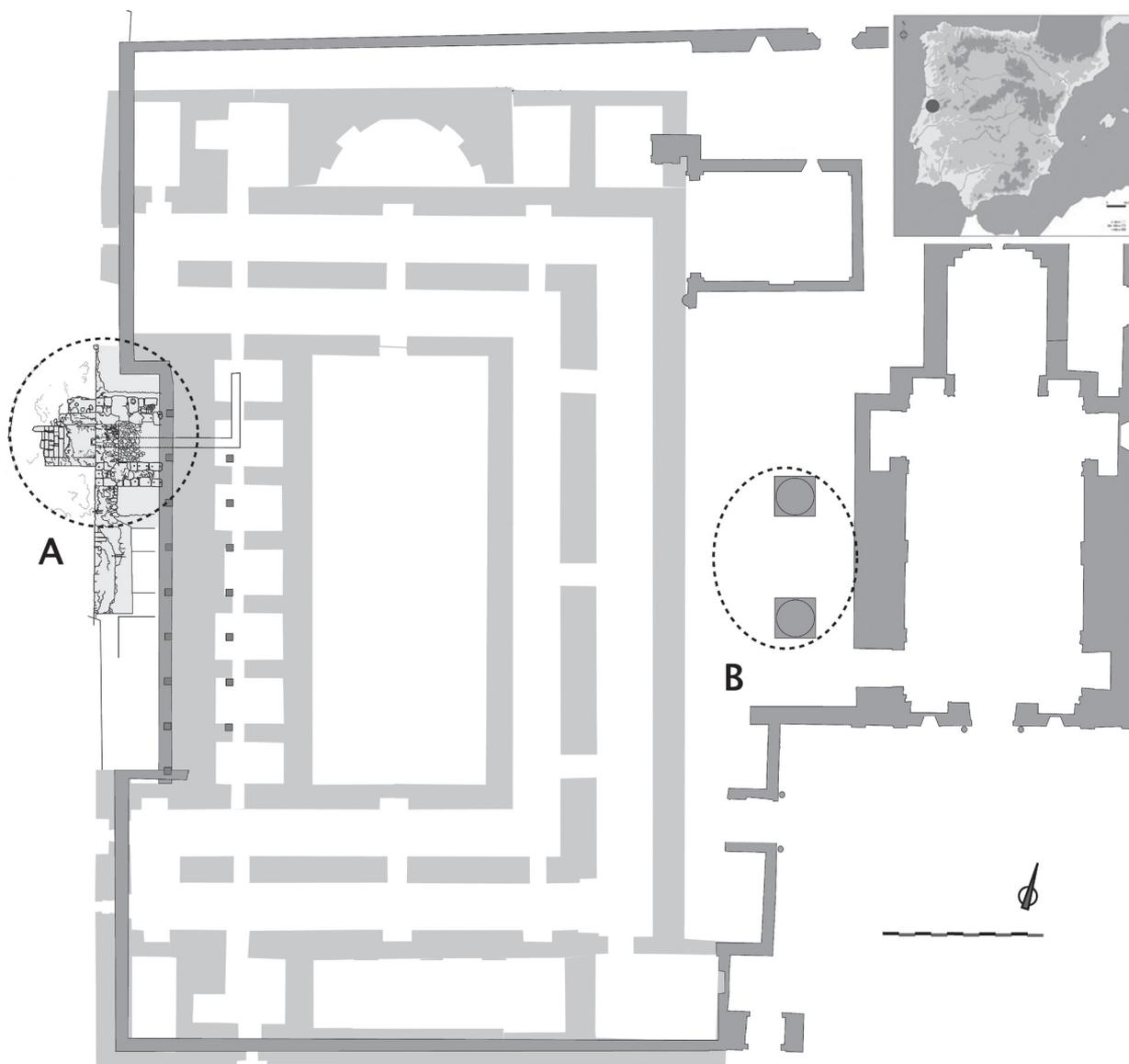


Fig. 1 – Localização dos contextos tardo-antigos do MNMC: A – Fontanário romano; B – Sondagem na igreja românica de S. João.

ou as sigillatas focences e cipriotas) encontram-se largamente documentadas em importantes sítios do litoral atlântico (particularmente as cidades costeiras) mas também em alguns lugares (*villae*) do interior rural meridional (Fabião, 2009). Estes materiais, tal como aqueles provenientes do norte de África (ânforas, sigillatas e lucernas), continuariam a chegar durante pelo menos a primeira metade do século VI, sendo redistribuídos, através dos rios navegáveis, para outros pontos um pouco mais interiores. Nessas outras paragens do ocidente peninsular os fluxos comerciais com o mundo do Mediterrâneo oriental mantém-se. Contudo, importa ressaltar que se este pode ser o cenário traçado para vários sítios mais chegados ao litoral, a

começar pelos centros urbanos, outros indicadores parecem revelar que o registo arqueológico nas regiões mais interiores e setentrionais se caracterizará efetivamente pela raridade deste tipo de material importado, dando assim corpo a um cenário macro-regional composto por paisagens urbanas e rurais (e sociais) claramente diferenciadas para este período centrado nos séculos V–VI (Carvalho, no prelo).

## 2. Os contextos tardios

Em toda a extensa área do espaço hoje ocupado pelo MNMC apenas se identificaram nas recentes escavações dois contextos de cronologia

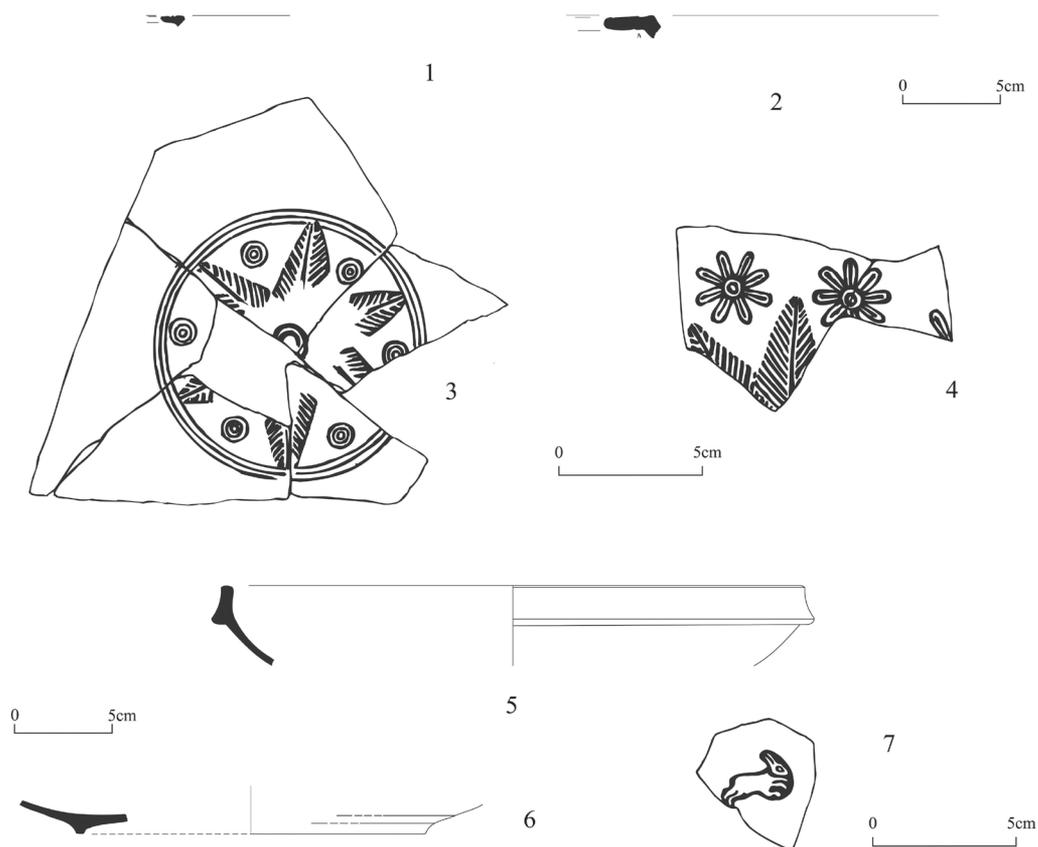


Fig. 2 – Cerâmicas importadas provenientes do Piso Superior do Criptopórtico (3 e 4) e do Logradouro do Paço Episcopal (1 e 2; 5 a 7) - TSA (1 a 4) e TSF (5 a 7).

tardo-antiga que, por vicissitudes várias, permaneceram selados até aos nossos dias. Referimo-nos, concretamente, aos níveis de abandono do fontanário romano, encontrado adossado à fachada poente do criptopórtico (Fig. 1A), e a certos níveis de aterro (cujo depósito antecedeu a construção de um pequeno murete) registados no espaço ocupado pela antiga igreja românica de S. João de Almedina (Fig. 1B).

Antes de nos debruçarmos sobre estes casos, será necessário fazer uma breve referência a um conjunto de cerâmicas finas tardias proveniente de outros dois pontos de recolha — ainda que, para ambos, o suporte estratigráfico não seja seguro.

Um deles diz respeito aos terraplenos que colmatavam as galerias do piso superior do criptopórtico. O desaterro desta estrutura (realizado, faseadamente, entre 1929 e os finais da década de 60 desse século) foi dirigido, numa primeira fase, por Vergílio Correia e, posteriormente, pela antiga Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com acompanhamento de J. M. Bairrão Oleiro. Destes trabalhos ficou escassa anotação quer em escritos publicados quer em

fotografias ou desenhos (a documentação consultada raramente aborda a realidade estratigráfica destes aterros). A meritória atenção daqueles investigadores centrou-se então, essencialmente, no levantamento arquitetónico das galerias e na recuperação das peças mais significativas que foram surgindo entre os entulhos removidos. Entre estas destacam-se vários fragmentos escultóricos e mais de uma centena de elementos arquitetónicos da Época Romana procedentes do fórum (Oleiro, 1955–1956, pp. 156–157), revelando assim que o próprio criptopórtico terá sido um dos principais vazadouros do processo de desmantelamento do complexo forense<sup>3</sup>.

A cerâmica de época romana revelou-se escassa, sendo principalmente composta por material de construção (Oleiro, 1955–1956, p. 156). Neste conjunto, porém, identificaram-se dois magníficos exemplares de cerâmica fina tardo-romana. Trata-se de dois fragmentos de fundo de TS Africana que se destacam pelos seus atributos decorativos. O de maior dimensão, TSA D1 (Fig. 2, n.º 3), possivelmente um prato da forma Hayes 59 ou 61 (provavelmente oriundo de uma zona em torno de Car-

<sup>3</sup> Nesses aterros foi também recolhida uma grande quantidade de cerâmica doméstica comum atribuível sobretudo aos Períodos Medieval (séculos XI/XII) e Moderno (séculos XV/XVI).

tigo), apresenta uma decoração disposta em banda à base de palmetas com nervura central, alternando com um motivo de três círculos concêntricos — estes correspondem a motivos típicos do *Style A(i)-(ii)* de Hayes que se enquadram numa cronologia balizada entre meados do século IV e inícios do século V (Hayes, 1972). O outro fragmento de fundo, mais reduzido, apresenta uma decoração ligeiramente diferente (Fig. 2, n.º 4), ou seja, neste caso, os motivos, de maior dimensão, compreendem palmetas de nervura central que alternam com grandes rosetas de oito folhas. A sua aparência (bem como o seu tamanho e forma) levamos a vinculá-lo à oficina de El Mahrine ou a uma das que gravitavam em seu torno. As palmetas parecem assemelhar-se ao motivo EM. 3.2 e as rosetas estão muito próximas (mas não idênticas) das que se encontram também documentadas neste centro oleiro — motivos EM. 134/136 (Mackensen, 1993). Estes motivos associam-se ainda ao *Style A(iii)* de Hayes (1972) e, por conseguinte, fornecem uma datação centrada na primeira metade do século V. Face à espessura do fundo, parece-nos muito provável que possa pertencer a uma grande tigela da forma Hayes 67.

Estas duas peças poderão eventualmente testemunhar o momento (primeira metade do século V?) a partir do qual as galerias do piso superior do criptopórtico foram sendo preenchidas com detritos e restos do fórum em ruína. Contudo, face à residualidade (e, por conseguinte, à insuficiência) da amostra e ao desconhecimento do seu contexto estratigráfico preciso de achado, não podemos com base unicamente nesta informação procurar fixar o momento em que as galerias começaram a receber entulhos. Não obstante Bairrão Oleiro (1955–1956, p. 155) afirmar, a dado passo, que “os achados mais antigos e mais importantes” (fragmentos escultóricos da Época Romana) foram exumados numa camada mais profunda (sobre o pavimento das galerias) com cerca de 0,50 m de espessura, não temos dados que nos permitam associar estas ou outras cerâmicas a tal nível estratigráfico que marcaria esse momento inicial de colmatação daquele espaço.

O outro ponto onde se registaram — estratigraficamente descontextualizadas — cerâmicas finas tardias situa-se na zona exterior poente contígua ao edifício do criptopórtico, no chamado logradouro do Paço Episcopal. Uma inter-

venção realizada em 2000 no lado norte deste espaço colocou a descoberto uma estrutura romana retangular (forrada a *opus signinum*) parcialmente refeita na Época Alto-Medieval e posteriormente soterrada por volumosos e extensos aterros da Época Moderna (Carvalho & alii, 2010, pp. 77–79). O espólio tardo-antigo aqui recolhido é proveniente de estratos muito revolvidos e com várias intrusões de períodos posteriores. De todo o modo, não obstante esta perturbação, a presença de elementos tardo-antigos, importados do Mediterrâneo, como sejam as sigillatas africanas e as focenses, acaba por denunciar a integração de Coimbra nos circuitos económicos consolidados no litoral hispânico durante este período, revestindo-se também de particular interesse articular mais adiante estes dados com aqueles provenientes dos dois contextos selados onde coexistem outros fabricos de origem local ou regional.

Desta área em particular provém dois fragmentos africanos e três focenses. Entre os fabricos africanos encontra-se o bordo de um atípico exemplar da forma Hayes 58 (Fig. 2, n.º 1) na sua variante A (Hayes, 1972), possivelmente produzido na zona sul de Tunes (*Bizacena*) e incluído na sub-produção C3 africana. Mais comum é o prato da forma Hayes 59A (Fig. 2, n.º 2) do fabrico D1 (norte de Tunes). Este corresponde a uma das formas mais típicas da produção africana, sendo em certos contextos a mais frequente, como se observa em Braga (Delgado & alii, 2014) ou mesmo em *Conimbriga* (Delgado, 1975)<sup>4</sup>. Para a fachada atlântica estas duas formas em TSA podem ser associadas, sem reservas, a um contexto da segunda metade do século IV (Fernández, 2014). As restantes peças importadas documentadas correspondem a sigillatas focenses (LRC). O único bordo conservado corresponde a uma tigela da forma Hayes 3 (Fig. 2, n.º 5), na sua variante C, datada de finais do século IV (Hayes, 1972). O fundo com pé conservado (Fig. 2, n.º 6) deve pertencer a outro indivíduo da mesma forma (Hayes 3), ainda que não seja possível determinar a sua variante. Ambos os indivíduos estabelecem correspondência com o fabrico do Grupo 1 de Vigo, caracterizado pela sua dureza, pela presença de partículas de carbonato de cálcio e a sua cor vermelho-acastanhado ou mesmo púrpura (Fernández, 2014, p. 223–224). Este não será o caso do outro fundo decorado (Fig. 2, n.º 7) que devemos antes incluir no Grupo de

<sup>4</sup> Não obstante não contarmos com dados estatísticos para as formas africanas presentes em *Conimbriga*, a forma Hayes 59 é sem dúvida uma das mais comuns (observação pessoal de um dos autores (AFF).

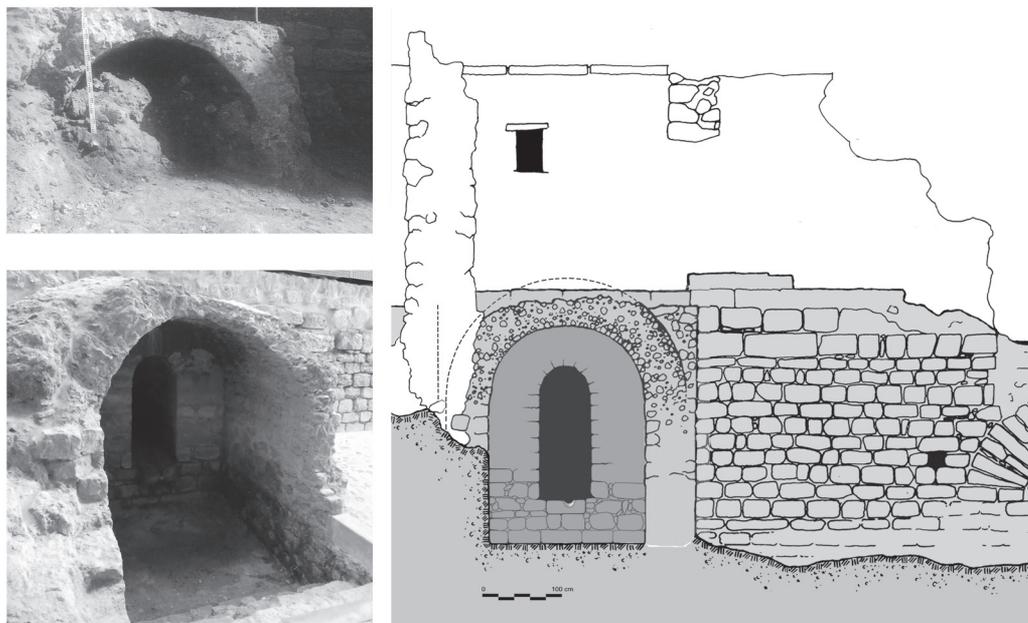


Fig. 3 – Fontanário romano: durante e após a intervenção arqueológica.

fabrigo 2 de Vigo, composto por peças de pastas mais brandas, alaranjadas e sem inclusões observáveis à vista desarmada (Fernández, 2014). A peça de *Aeminium* apresenta um motivo zoomórfico (uma lebre correndo: Fig. 2, n.º 7), estampada em posição central, compondo provavelmente a única decoração de um prato que corresponderá, seguramente, a outro indivíduo da forma Hayes 3. O desenho não encontra paralelos entre os publicados por J. Hayes (1972), ainda que se possa perspetivar como uma nova variante do Motif 35 (Hare) (Hayes, 1972, figs. 74–75). Este motivo pertence ao Grupo II ou aos inícios do Grupo III, podendo apresentar, por conseguinte, uma cronologia ampla, entre c. 440 e os inícios do século VI (Hayes, 1972, p. 349) — as suas dimensões e disposição, porém, levam-nos a integrá-lo (segundo de perto o próprio Hayes) num momento de finais do século V, coincidindo com a fase final do uso do punção, o qual não deve ir muito além dos inícios do século VI (Hayes, 1972, p. 357).

Em suma, o conjunto de materiais tardo-antigos exumado neste local apresenta uma diacronia ampla, balizada por um grupo africano da segunda metade do século IV e um grupo focense da segunda metade do século V e dos inícios do VI. Se cruzarmos este arco cronológico com os indicadores fornecidos pelos dois fundos recolhidos no criptopórtico é possível avivar os traços de uma sequência quase completa entre c. 350 e c. 500 d.C.

## 2.2. Os níveis de abandono do fontanário romano

As intervenções arqueológicas que precederam a recente obra de ampliação e remodelação do MNMC permitiram identificar na área sul do dito logradouro (Fig. 1A) vários troços da parede exterior ocidental do criptopórtico parcialmente desmoronada. Os destroços desse abatimento, ocorrido provavelmente nos séculos XV–XVI (Alarcão & *alii*, 2009, p. 41), terão contribuído para a preservação dos níveis inferiores, permanecendo oculta uma fonte monumental (*lacus*) adossada à base dessa fachada do criptopórtico (Alarcão & *alii*, 2009, pp. 42–43; Carvalho & *alii*, 2010, p. 80). Esta construção abobadada, coetânea da ampliação de meados do século I do fórum/criptopórtico, cobre um espaço quadrangular (com 1,92 m de largo e 2,65 m de altura), ao qual se acede a partir de um pequeno lanço de escada com quatro degraus. A partir deste espaço, debaixo do nível inferior do criptopórtico, desenvolve-se uma estreita galeria que encaminha as águas (da nascente que brotava no subsolo) até ao tanque quadrangular forrado a *opus signinum* (Fig. 3). Parte desta conduta e tanque, no momento da sua descoberta, encontravam-se preenchidos por aterros que se estendiam parcialmente para o seu exterior (Fig. 3) — estes níveis marcavam claramente o abandono (e pós-abandono) desta estrutura. Este conjunto de estratos, inscrito no horizonte de abandono e des-

Quadro 1 – Contagem de cerâmica do contexto de abandono do fontanário romano: cerâmica fina, lucernas e ânforas.

Classificação	Produção	Forma	Obs.	TF	C	B	F	A	P	NMI	N.º	
Cerâmica Fina	TS. Itálica	Indeterminada		1					1	1	-	
	TS. Gálica	Drag. 15/17		1		1				1	-	
		Indeterminada		13						13	-	
	TS. Hispânica	Drag. 29/37			1		1				1	1
		Drag. 37			1		1				1	2
		Drag. 15/17			4	1	3				4	3-5
		Drag. 35			1		1				1	6
		Indeterminada			48					48		7-8
	TS Africana A	Indeterminada		2					2	1	-	
	TSA C3	Hayes 50B			1		1				1	9
		Indeterminada			2					2		-
	TSA D1	Hayes 59			2		2				2	10-11
		Indeterminada	Fundo decorado		2			1		1		12
	TS Focense	Hayes 3C-E			1		1				1	13
		Hayes 3c			1		1				1	13A
	Alaranjada Fina	Conimbriga XXIX-611-612			1		1				1	14
		C. XXX-613			13		13				13	15-18
		C. XXX-614			1		1				1	19
		Tigela			1		1				1	20
		C. XXX-617			2		2				2	21
		C. XXX-619			6		6				6	22-26
		C. XXX-619/621			1		1				1	27
		C. XXX-622			8		8				8	28-31
		C. XXXIII-678			1		1				1	32
		C. XXX-638			4		4				4	33
		C. XXXI-646			3		3				3	34
		C. XXX-635			2		2				2	35
		C. XXXI-656			4		4				4	36-38
		C. XXXI-657			5		5				5	39-40
	Indeterminadas			236		33	62			141	33	-
<b>Total C. Fina</b>				<b>369</b>	<b>1</b>	<b>97</b>	<b>63</b>		<b>208</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	
Lucernas	Bética?	Indeterminada		1		1				1	41	
	Local/regional	Indeterminada		1		1				1	42a	
		Brinquedo			1		1				1	42b
<b>Total Lucernas</b>				<b>3</b>		<b>3</b>				<b>3</b>	<b>-</b>	
Ânforas	Lusitana	Almagro 51c	Var. B	1		1				1	43	
	Bética	Dressel 20		1		1				1	44	
	Indeterminada	Indeterminada		11			1	4	6		-	
<b>Total Ânforas</b>				<b>13</b>		<b>2</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	
<b>Total/Frag.</b>				<b>385</b>		<b>102</b>	<b>64</b>	<b>4</b>	<b>214</b>	<b>105</b>	<b>-</b>	

T(otal) F(ragmentos)/C(ompleto)/B(ordado)/F(undo)/ A(sa)/ P(arede)/N(úmero) M(inimo) de I(indivíduos)

<sup>5</sup> Encontram-se presentes algumas peças tipicamente alto-imperiais, ainda que, por vezes, se torne difícil distinguir as que deverão constituir material com uma cronologia de fabrico muito anterior à da formação do estrato das que poderão eventualmente refletir uma determinada continuidade de fabrico.

truição do fórum, caracterizava-se pela sua cor escura (com cinzas disseminadas nos sedimento soltos) e pela presença de grande quantidade de pedras, cerâmica de construção (incluindo tijolos de quadrante) e *fesselae* (estes últimos provavelmente provenientes de espaços residenciais vizinhos do fórum). O núcleo central do espólio aqui em análise é oriundo precisamente desta sequência estratigráfica.

Neste tipo de contextos de aterro é frequente encontrar-se um conjunto de materiais considerados residuais (com uma cronologia de fabrico bem anterior) cuja presença se ficará a dever a revolvimentos e a terras transportadas desde outras zonas<sup>5</sup>. Porém, para este como para outros depósitos, como elementos fundamentais de data-

ção, interessam-nos os fragmentos cerâmicos mais recentes, os quais permitem estabelecer o *terminus post quem* para o abandono e amortização deste espaço. Assim, após a análise circunstanciada do extenso lote cerâmico recolhido, foi possível fixar o momento de formação deste depósito numa época tardia, distinguindo também três grupos de peças atendendo à sua cronologia: i) o grupo — “residual” — das cerâmicas alto-imperiais (TS, lucernas e cerâmica comum de cozinha); ii) o grupo — mais numeroso — das cerâmicas dos século IV e inícios do século V (alaranjadas finas e cerâmica comum de cozinha); iii) e um pequeno grupo com peças datadas entre finais do século V e os inícios do século VI (TS Focense e cerâmica comum de cozinha).

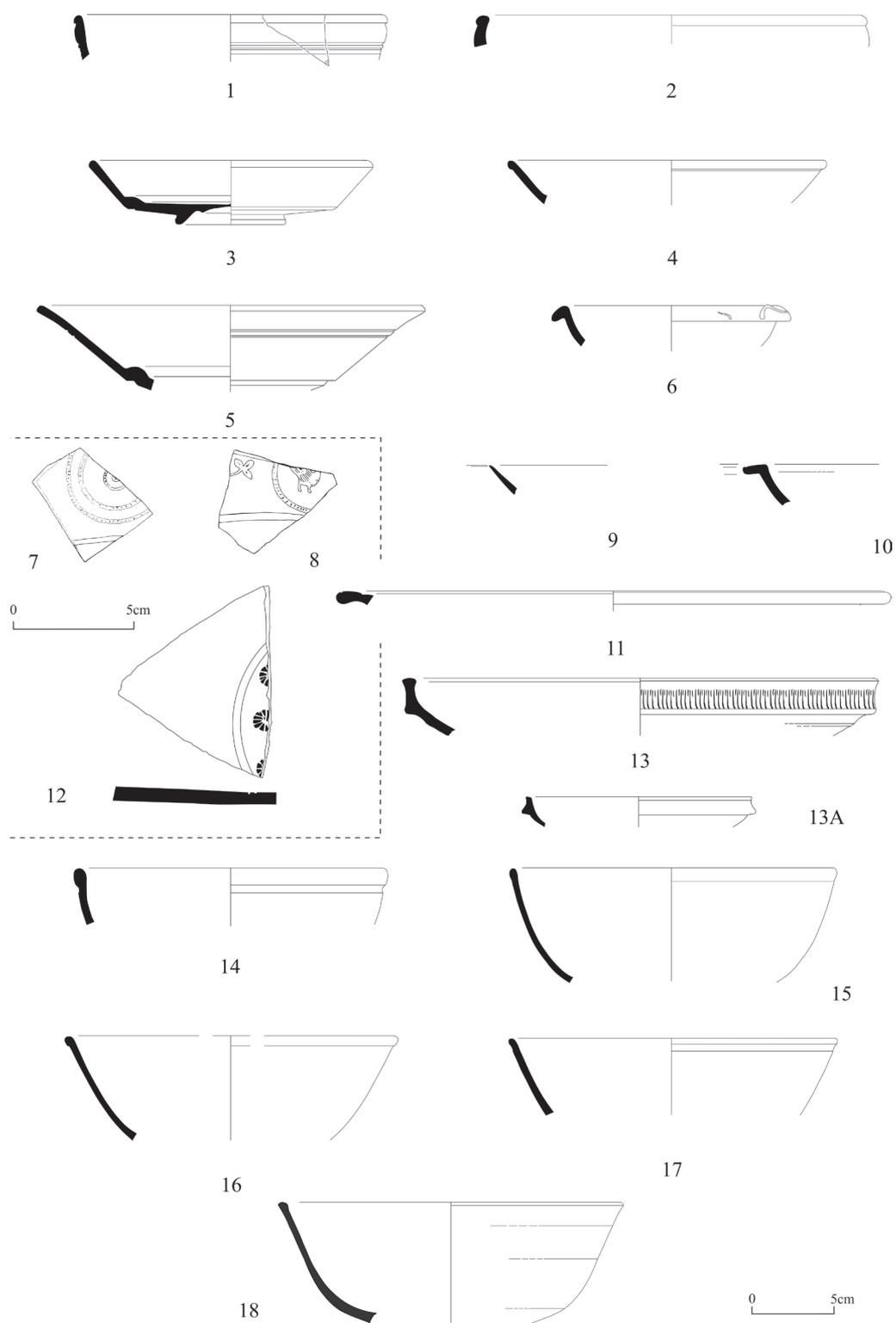
Entre as primeiras, destaca-se o conjunto de TS Hispânica, com peças como a Drag. 35 (Fig. 4, n.º 6) e a Drag. 15/17, alguma antiga (século I?) (Fig. 4, n.º 3) e outras mais recentes (Fig. 4, n.ºs 4 e 5) possivelmente da segunda metade do século II ou, inclusivamente, do século III. Destacam-se, igualmente, as formas Drag. 29/37 (Fig. 4, n.º 1) e Drag. 37 (Fig. 4, n.º 2), assim como alguns fragmentos de paredes decoradas (Fig. 4, n.ºs 7 e 8). Neste grupo deverão também incluir-se todos os fragmentos de TS Itálica e TS Gálica recuperados nas diferentes UE's (Quadro 1), para além de uma ânfora Dressel 20 (Fig. 6, n.º 44). Refira-se igualmente o grupo das lucernas, onde se destaca uma de possível produção bética e decorada com óvulos (Fig. 6, n.º 41) e uma redução de vasilhame para uso infantil — brinquedo (Fig. 6, n.º 42b). Bem mais difícil será procurar definir, entre o extenso grupo de cerâmica comum e de cozinha, quais as peças e produções que provêm originariamente dos horizontes imperiais. Todavia, parece-nos provável que tanto as alarançadas (Fig. 6, n.ºs 45 a 48) como as cinzentas (Fig. 6, n.ºs 49 e 50) polidas sejam provenientes de níveis alto-imperiais, à semelhança do que foi proposto para as de *Conimbriga* (Alarcão, 1975, pp. 86–92). O mesmo deverá suceder com as grandes talhas (*dolia*) do grupo Pombal-Barracão (Fig. 7, n.ºs 56 e 57) recolhidas em níveis datados entre Augusto e os Flávios (Alarcão, 1975, p. 68). Neste contexto, como temos assinalado, é notória a preponderância das cerâmicas finas de produção regional (designadas em *Conimbriga* como *orangée fine/alarançadas finas*) e das cerâmicas comuns e de cozinha tardias (também de produção regional), concretamente as cerâmicas calcíticas (*céramique calcaire*) e as alarançadas grosseiras que, na nossa perspetiva, poderão aglutinar duas designações registadas em *Conimbriga*: as *orangées grossières* (podendo em alguns casos incluir a calcítica) e as *grès* (Alarcão, 1975). Adentro deste conjunto, por sua vez, contamos com um reduzido número de TSA que permite propor datações mais precisas. Entre estas destaca-se um exemplar da forma Hayes 50B (Fig. 4, n.º 9) de *Bizacena* (C3) e dois indivíduos que correspondem ao prato Hayes 59 (D1) (Fig. 4, n.ºs 10 e 11). Quando surgem juntos, na faixa do território peninsular voltado ao oceano, este tipo de pratos parece ser característico de contextos da segunda metade do século IV (Fernández, 2013, 2014). Esta sua datação coincide com a

de um fundo, também africano, decorado com pequenas rosetas (Fig. 4, n.º 12) do Tipo 44A de Hayes (1972). Associado a este grupo africano, encontramos um outro nutrido conjunto de cerâmicas de imitação de sigillata de produção regional, designadas nas *Fouilles* como *orangées fines* (Alarcão, 1975, p. 93), ainda que muitos exemplares de *Conimbriga* surjam dispersos noutros volumes das *Fouilles* e com outras designações (*vid. infra*). Os exemplares recuperados acabam por apresentar cronologias das formas que imitam (ou das formas em que se inspiram), normalmente peças de TS Hispânica Tardia e TSA. Entre estas encontramos peças que parecem imitar as grandes tigelas Ritter. 8T = *Conimbriga* XXIX e XXX-611/614<sup>6</sup> (Figs. 4 e 5, n.ºs 14 a 20), outras que imitam (ou se inspiram) na forma Drag. 37T = C. XXX-622 (Fig. 5, n.ºs 28 a 32) e ainda outro grupo de tigelas cuja forma parece corresponder a um tipo híbrido entre a Drag. 27T? e a 37T = C. XXX-619/621 (Fig. 5, n.ºs 21 a 27). Também se documentam pratos, alguns imitando claramente as formas africanas Hayes 61 = C. XXX-635 e XXXI-646 (Fig. 5, n.ºs 34 e 35) ou a forma Hayes 59 = C. XXXI-656 (Fig. 6, n.ºs 36 a 38). E ainda outras de mais difícil atribuição, como sejam os pratos n.º 33 (Fig. 5) = C. XXX-638, ou os n.ºs 39 e 40 (Fig. 6) = C. XXXII-657 e a tigela n.º 20 (Fig. 5) — formas de nova criação ou híbridas, fruto seguramente da enorme riqueza e dinamismo desta produção. Toda esta panóplia de formas permite desenhar um largo quadro cronológico, balizado entre os inícios do século IV — representado pelas tigelas C. XXIX-613 e C. XXX-619 — e os inícios do século V — representado pela tigela C. XXX-622 e o prato C. XXXI-646. A ânfora lusitana Almagro 51C (Fig. 6, n.º 43), por sua vez, integra-se perfeitamente neste âmbito cronológico projetado pelas cerâmicas finas importadas e de produção regional.

O último grupo com material datável é composto por dois exemplares de TS Focense tardia (LRC) que representam duas tigelas da forma Hayes 3. Uma deverá integrar-se na sua variante C ou E (Fig. 4, n.º 13), enquanto a outra — muito mais pequena — (Fig. 4, n.º 13A) poderá ser incluída, com certas reservas, na sua variante C (Hayes 1972). Estas peças encerram uma datação que vai desde finais do século V aos inícios do século VI e, não obstante constituírem uma minoria no conjunto cerâmico analisado, acabam por marcar o *terminus*

<sup>6</sup> De acordo com a numeração de estampa e de peça que consta no vol. V das *Fouilles* de *Conimbriga* (Alarcão, 1975).

Fig. 4 – Cerâmicas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum: TSH (1–8), TSA (9–12), TSF (13 e 13A) e alaranjadas finas (14–18).



<sup>7</sup> Estas duas formas, a Hayes 3 focense e a Hayes 104A africana, juntamente com os tipos anfóricos orientais e africanos, constituem o pacote típico que caracteriza o Horizonte B de importações no mundo atlântico datado entre finais do século V e meados do século VI (Fernández, 2014).

*post quem* deste aterro. Importa ainda referir que noutras UE's contíguas, descartadas por se apresentarem revolvidas e com sinais de intrusão, documentaram-se outras peças

importadas de cronologia idêntica (em particular uma Hayes 104A2), estabelecendo assim uma correspondência com o dito horizonte cronológico<sup>7</sup>.

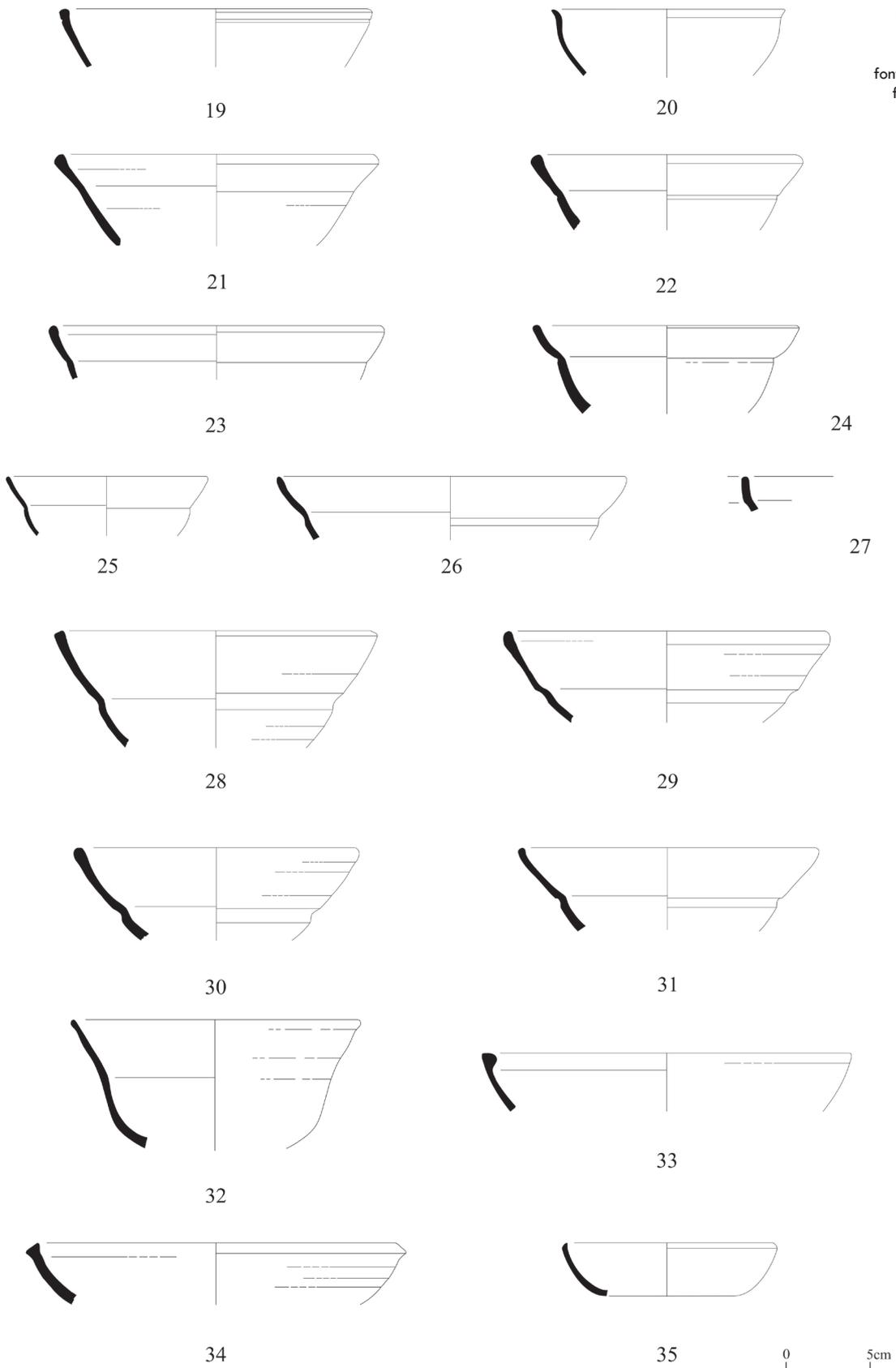
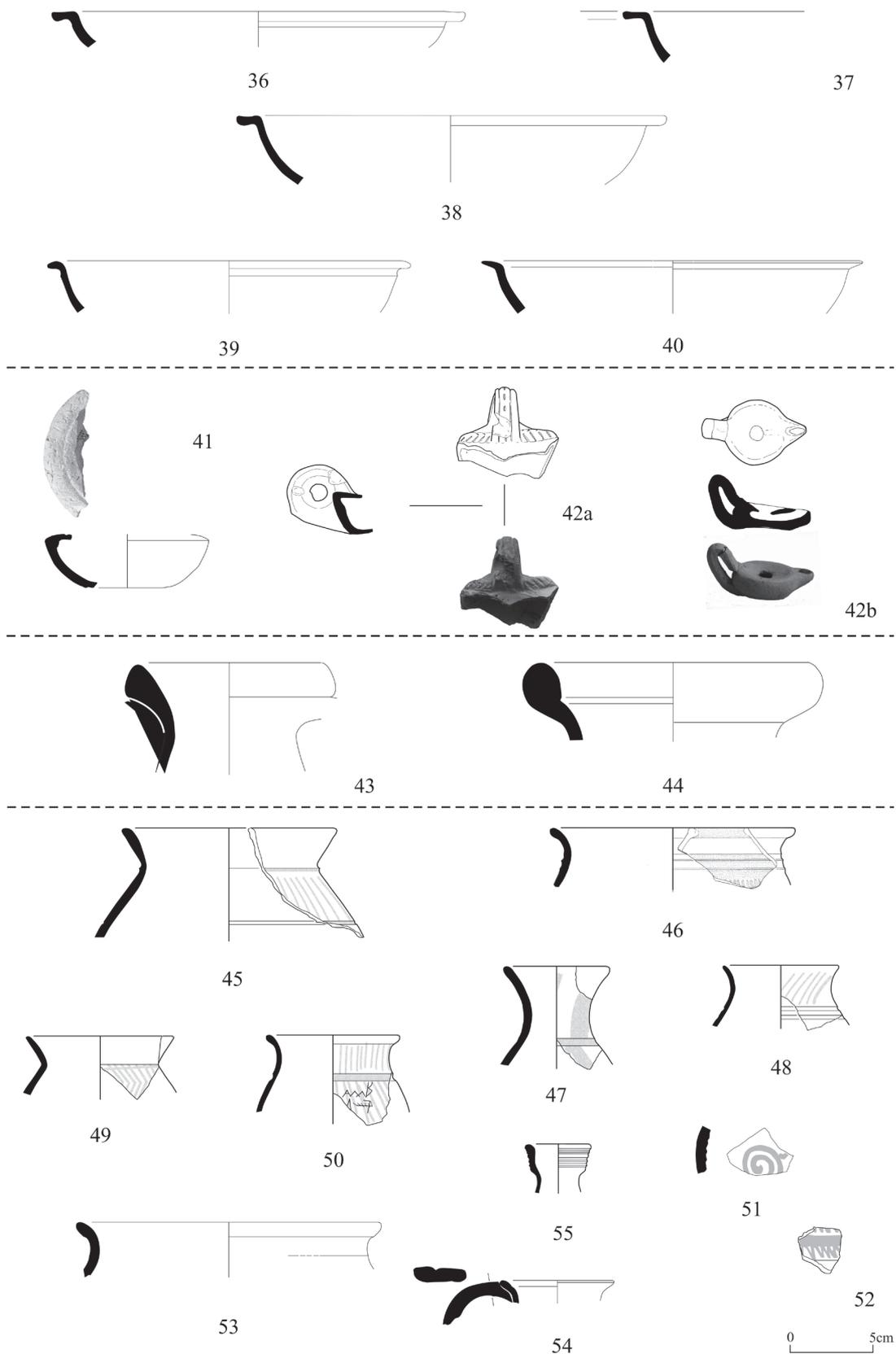


Fig. 5 – Cerâmicas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum: alaranjadas finas.

Fig. 6 – Cerâmicas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum: alaranjadas finas (36–40), lucernas (41–42), ânforas (43–44), laranjas polidas (45–48), cinzentas polidas (49–50), pintadas a branco (51–52) e cerâmica comum fina (53–55).



Classificação	Produção	Forma	Obs.	TF	C	B	F	A	P	NMI	N.º	
Cerâmica Comum e de Cozinha	Alaranjada polida	Pote		3		3				3	45-46	
		Potinho		3		3				3	47-48	
		Indeterminada		15		11	1			3	11	-
	Cinzenta polida	Pote			8		8				8	49-50
		Indeterminada			78			10	6	62		-
	Pintada branca	Indeterminada		22					22	19	51-52	
	C. Cinzenta Fina (Limosa?)	Pote			1		1				1	53
		Jarro			5		5				5	54
		Bilha			2		2				2	55
		Indeterminada			188		4	25	33	126	4	-
	Pombal-Barracão	Talha		41		7	10		24	7	56-57	
	C. Calcítica	Panela	C. XXXV-693/695		19		19				19	58-60
		Pote/Talha	C. XXXV-701		7		7				7	64-65
		Pote	C. XXXIV-699		45		45				45	61-63
		Taça	C. XXXIII-687		21		21				21	66
		Almofariz	C. XXXIII-688		1		1				1	67
		Indeterminada			144		2	19		123	2	-
	Alaranjada grosseira (Grés)	Taça	C. XXXVI-728, 739; XXXVI-716		11		11				11	68-71
		Prato/Frigideira			1		1				1	72
		Almofariz	C. XXII-391		7		3	2		2	3	73
		Pote			5		2			3	2	74-75
		Potinho			4		4				4	76
		Jarra			2		2				2	77
		Indeterminada			187		7	38	5	137	7	-
	C. Cinzenta de cozinha	Pote			14		14				14	78-80
		Assador/coador			1			1			1	81
		Indeterminada			105			22		83		-
<b>Total C.C.</b>				<b>940</b>		<b>183</b>	<b>128</b>	<b>44</b>	<b>585</b>	<b>203</b>		
Outros	Local/Regional	Pondus	Com numeral XIX	1						1	83	
		Fusaiola		1						1	82	
				<b>2</b>						<b>2</b>		
<b>Total/Frag.</b>				<b>942</b>						<b>205</b>		

Quadro 2 – Contagem de cerâmica do contexto de abandono do fontanário romano: cerâmica comum, de cozinha e outros elementos cerâmicos.

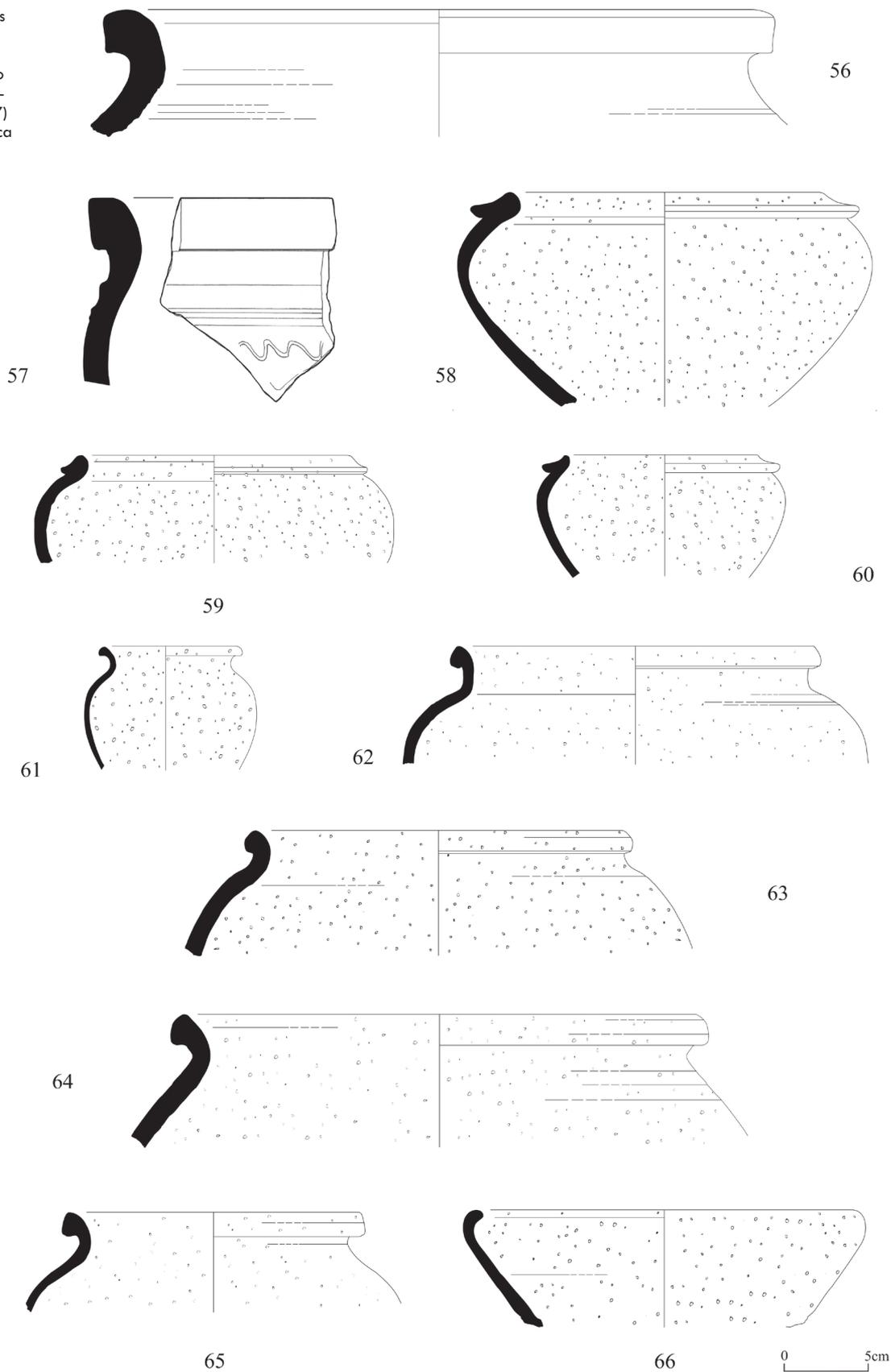
O grupo da cerâmica comum e de cozinha tardo-antiga constitui uma boa amostra da baixela tardia da região. Ainda que a maioria deste lote possa ser associado ao grupo das cerâmicas finas do século IV e dos inícios do século V, não nos resta a menor dúvida de que algumas destas peças serão provenientes do horizonte mais tardio marcado pelas sigillatas orientais. De facto, muitas destas produções surgem nos níveis de destruição do século V em *Conimbriga* (Alarcão 1975, p. 100), os mesmos onde se documentam sigillatas focences e africanas com datações do século VI (Delgado, 1975, p. 270 e n.ºs 187–288). As produções calcíticas, alaranjadas grosseiras e em grés são as mais numerosas (Quadro 2), estando representadas as panelas (Fig. 7, n.ºs 58 a 60), os potes (Fig. 7, n.ºs 61 a 63 e 65; Fig. 8, n.ºs 74 e 75), as talhas (Fig. 7, n.º 64), os almofarizes (Fig. 8, n.ºs 67 e 73), as taças (Fig. 7, n.º 66 e Fig. 8, n.ºs 68 a 71) e ainda, em menor quan-

tidade, os potinhos (Fig. 8, n.º 76), as jarras (Fig. 8, n.º 77) e os pratos/frigideiras (Fig. 8, n.º 72). Também se documentam peças mais finas, como alguns jarros e bilhas (Fig. 6, n.ºs 53 a 55), fragmentos de cerâmica pintada a branco (Fig. 6, n.ºs 51 e 52) e pequenos potes em cerâmica cinzenta (Fig. 8, n.ºs 78 a 80). Devemos ainda destacar a presença de outros elementos cerâmicos, como um *pondus* (Fig. 8, n.º 83) com numeral (XIX), uma fusaiola (Fig. 8, n.º 82) — ambos de difícil classificação cronológica — e um fundo perfurado (possivelmente de um assador de castanhas<sup>8</sup> ou de um coador) (Fig. 8, n.º 81).

Em conclusão, ainda que o estudo destes materiais denuncie a existência de um expressivo horizonte de ocupação centrado no século IV e nos inícios do século V, o contexto de abandono revelado pela escavação não será anterior aos inícios do séc VI, podendo mesmo inscrever-se no primeiro quartel dessa centúria.

<sup>8</sup> Conhecemos vários exemplos de assadores/coadores com cronologia tardia, como os de As Carvalheiras, em Braga (Delgado & Morais, 2009), da *villa* de Currás (Tomíño-Galiza) ou o da *villa* de Toralla (Vigo-Galiza) (observações pessoais de um dos autores (AFF)).

Fig. 7 – Cerâmicas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum: Pombal-Barracão (56–57) e cerâmica calcítica (58–66).



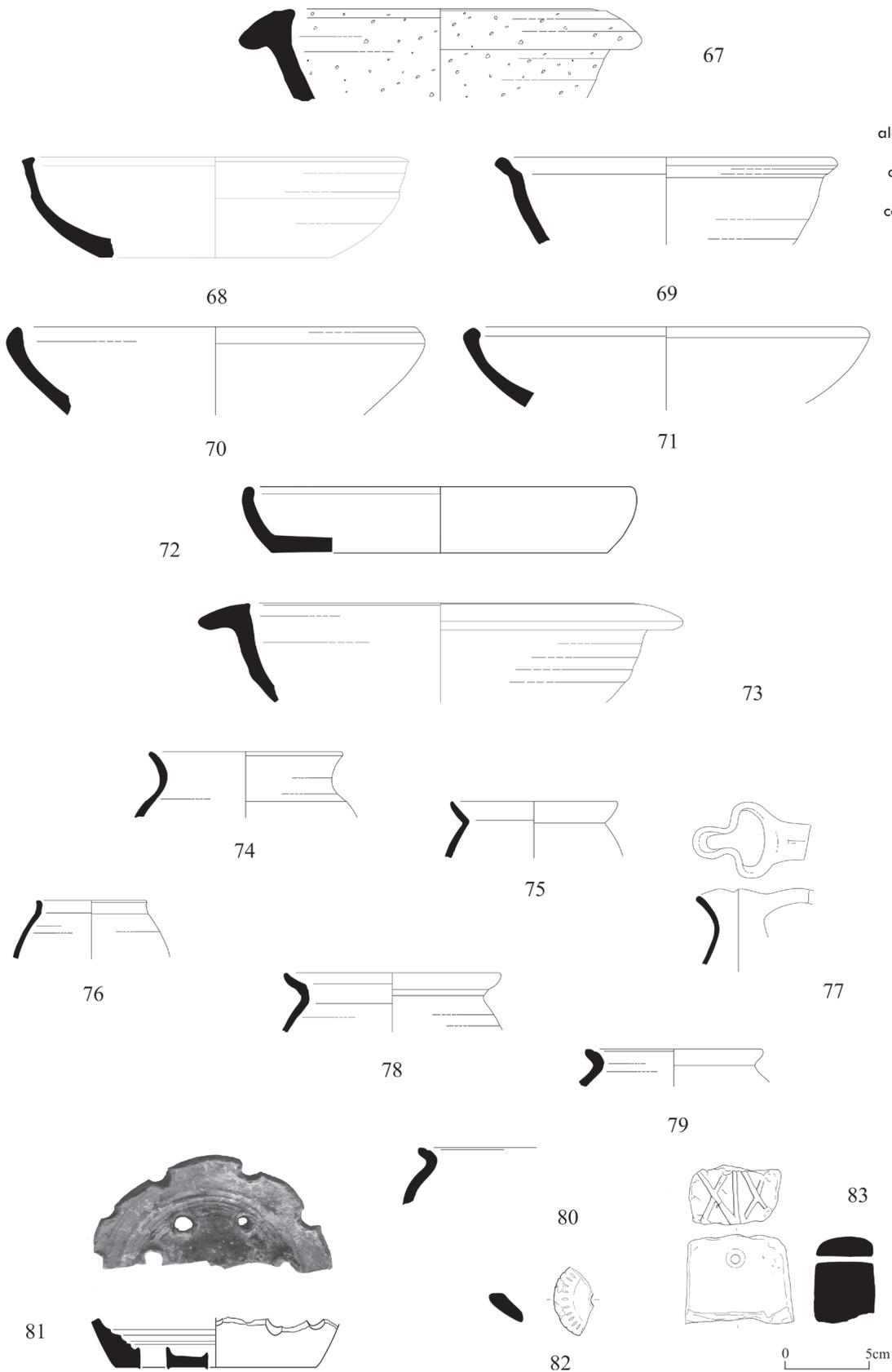


Fig. 8 – Cerâmicas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum: cerâmica calcítica (67), alaranjada grosseira-grés (68–77), cinzentas de cozinha (78–80), assador/coador (81), fusiola (82) e pondus (83).

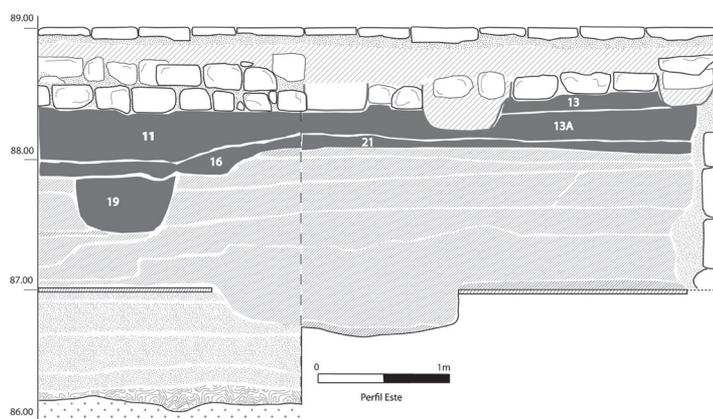


Fig. 9 – Vista geral do plano final da sondagem realizada na igreja românica de S. João e perfil com indicação dos níveis tardo-antigos.

<sup>9</sup> Os quadrados reticulados apenas aparecem sobre os fundos de pratos das formas Hayes 59, 61 e 67, constituindo um dos motivos mais imitados nas produções regionais juntamente com as palmetas e os círculos concêntricos (Fernández & Morais, 2012).

## 2.2. Os níveis tardios identificados no espaço da Igreja de S. João

As últimas campanhas arqueológicas realizadas neste local (em 2008 e 2011) incidiram especificamente numa pequena área a Este do MNMC (Fig. 1B), onde ainda são visíveis os únicos testemunhos da antiga igreja românica de S. João de Almedina. Esta igreja terá sido construída na segunda metade do século XII, no preciso local onde antes se erguera e funcionara o fórum romano, e poderá ter-se sobreposto a uma igreja anterior, talvez da época de D. Sesnando (finais do século XI). No século XVII, no lugar da igreja românica, é edificada uma outra (a igreja moderna de S. João de Almedina) que se sobrepõe parcialmente e transversalmente àquela.

Os resultados destas sondagens foram surpreendentes e bastante positivos. Pela primeira vez, registaram-se os restos do (até então ape-

nas intuído) primitivo fórum augustano, para além de se terem obtido dados sobre o processo de reformulação e ampliação do complexo forense em período claudiano (Alarcão & *alii*, 2009, pp. 57–59) — resultados que se tornaram ainda mais expressivos face à descoberta de estruturas medievais pré-românicas. A sequência estratigráfica que aqui analisamos sobrepõe-se diretamente aos níveis romanos alto-imperiais (Fig. 9) — esta sequência é constituída por terras muito escuras e soltas, onde abunda a cerâmica de construção, maioritariamente composta por fragmentos de tijolos, telhas de canudo (com digitações ou caneluras), *tegulae* e pedaços de estuque pintado. Estes níveis foram sujeitos a perturbações estratigráficas posteriores, tendo sido cortados, nomeadamente aquando da abertura de sepulturas medievais (relacionadas com o templo românico) e de valas para deposição de ossários em período moderno. Será sobre estes níveis que irá assentar um muro, com orientação sul/norte, constituído por pedras calcárias de pequeno e médio porte, toscamente facetadas, justapostas apenas com terra de permeio, sem qualquer tipo de paramento ou revestimento e sem que se observasse a respetiva vala de fundação (Fig. 9).

A escavação destes estratos permitiu a recolha de um número muito reduzido de cerâmica. Os fragmentos de cerâmica doméstica comum exumados são na sua totalidade informes e incharacterísticos (apenas se evidenciando alguns elementos decorados por aplicação de cordão plástico digitado). De todo o modo, como veremos, a presença de alguns fragmentos de cerâmica fina permitem propor uma cronologia de depósito para estes níveis.

Assim, para além de um fragmento informe e residual de TS de tipo itálico, destaca-se a presença de um conjunto de cerâmica fina de produção regional (alaranjada fina) e um fragmento de ânfora. Entre os fabricos finos sobressaem os pratos que imitam as formas Hayes 61 em TSA — um próximo à variante A (Fig. 10, n.º 2) e o outro situado entre as variantes A e B (Fig. 10, n.º 1). Este tipo de perfil deve inscrever-se num momento inicial do século V. Documentou-se também um pequeno fragmento de fundo decorado (Fig. 10, n.º 3) com um motivo estampado (possivelmente de algum dos pratos) — trata-se de um quadrado reticulado<sup>9</sup> típico do estilo A(ii)-(iii) de TSA, datado entre 350 e 450 (Hayes, 1972). As restantes formas documentadas reduzem-se a tigelas da

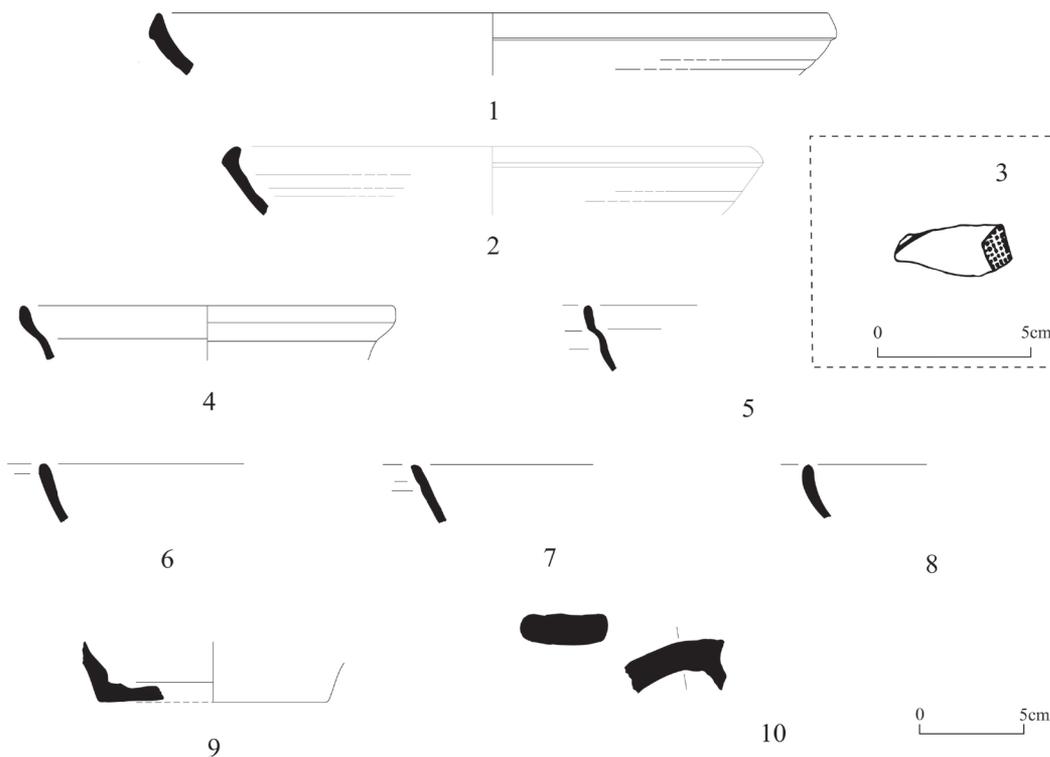


Fig. 10 – Cerâmicas dos níveis tar-do-antigos da Igreja de S. João: alaranjadas finas (1–9) e ânfora tardia da Galiza (10).

forma *Conimbriga* XXX-613, 619 e 621 (Fig. 10, n.ºs 4 a 8), inspiradas nas formas hispânicas Riter. 8T, Drag. 27T e 37T, e a alguns exemplares de forma indeterminada fechada (Fig. 10, n.º 9). Merece também particular menção um fragmento de asa de ânfora (Fig. 10, n.º 10) possivelmente de produção galega (ânfora de Bueu) do tipo Regional II=Almagro 50 (Morais, 2005)<sup>10</sup>. Este pequeno mas expressivo conjunto cerâmico permite fixar o *terminus post quem* (e talvez o próprio momento de depósito) no início do século V.

Em suma, os dados reunidos ainda são insuficientes para traçar uma linha interpretativa consistente. A construção do referido muro terá uma cronologia posterior aos inícios do século V, face aos materiais recolhidos, e anterior ao século XII (uma vez que é parcialmente destruído pela abertura de várias sepulturas associadas à igreja românica). A este propósito, importa referir que a composição e orientação deste alinhamento não se encontram em harmonia com os vestígios conhecidos do templo pré-românico que aqui se instalou no século XI e de cujo claustro ainda se conserva em parte (reconstruído) a norte desta sondagem. Tem sido sucessivamente colocada de parte uma hipótese avançada por Pierre David (1947, p. 229) segundo a qual se admite a

existência, neste espaço, de um edifício inicial paleocristão, o qual desempenharia a função de baptistério ao serviço da catedral primitiva de Santa Maria (a Sé Velha), evoluindo depois para templo. Até ao momento, também não foram identificadas as pedras de lavor visigótico surgidas, no início do século XX, durante as obras de remodelação do MNMC, conforme insistentemente é mencionado por Vergílio Correia (1946, pp. 51–53). Os dados agora compilados, todavia, são novos e inequívocos, pelo facto de revelarem a ocupação deste espaço durante o período tar-do-antigo — aguarda-se pela programação e desenvolvimento de novas intervenções no local, por forma a esclarecer todo um conjunto de questões que permanecem em aberto.

### 3. Conclusão

A presença em Coimbra — e especificamente neste lugar — de materiais com datações tar-do-antigas, importados inclusivamente do Mediterrâneo oriental, demonstra desde logo a existência de uma sequência de ocupação contínua entre a segunda metade do século IV e os inícios do século VI. Assim, a ausência de informação arqueológica que, até ao momento,

<sup>10</sup> Um recente estudo, apresentado no LRCW5 celebrado em Alexandria, documentou a presença deste tipo de ânforas em numerosos sítios atlânticos como no Porto, *Conimbriga*, Lisboa ou Sevilha.

se verificava resultaria antes da não classificação e/ou não publicação de materiais, não se registando uma ausência de facto destes produtos neste lugar (e numa cidade que recebeu o bispo de *Conimbriga* nos finais do século VI). Doravante, estes materiais tardios de *Aeminium* vêm mostrar que a presença de cerâmicas finas e de ânforas tardias de produção mediterrânea em *Conimbriga* não deve ser tomada como um *unicum* na região, mas sim como um falso histórico, resultante da falta de estudos especializados para este âmbito cronológico. Este primeiro estudo sobre os contextos tardios de *Aeminium* comprova, deste modo, que este tipo de materiais circula também para além de *Conimbriga* e durante toda a antiguidade tardia, inscrevendo esta cidade episcopal nos amplos circuitos comerciais da época. Os materiais de *Aeminium* parecem estabelecer uma clara diferença com outros sítios estudados na região, como a *villa* do Rabaçal (Penela), onde contamos com um importante espólio africano e hispânico tardio mas cujas cronologias não ultrapassam a primeira metade do século V (Quaresma, 2011).

Para além de se assinalar na região *conimbrigense* a presença de materiais importados norte-africanos e orientais, há que destacar a notoriedade que aqui adquirem as cerâmicas finas de produção regional, designadas na bibliografia de *Conimbriga* como *céramique orangée fine du Bas Empire* (Alarcão, 1975, p. 93), *céramique de Avelar* (Alarcão, 1975, p. 99) ou *imitação local de sigillata clara D* (Delgado, 1975, p. 271). Este e outros estudos recentes (Fernández & Morais, 2012) parecem assim testemunhar a hegemonia desta produção nos mercados regionais de cerâmica fina (superando a TSA e a TSHT?) desde os meados do século IV até às décadas iniciais do século V. Trata-se de um fenómeno curioso, uma vez que, ao contrário das restantes produções regionais de imitação de sigillatas africanas e hispânicas (como a TS Bracarense Tardia vermelha ou DSP, etc.), a fase de produção das alaranjadas finas sobrepõe-se ao período de maior importação de cerâmica africana para os mercados atlânticos, i.e., entre c. 350 e c. 425/30 (Fernández, 2014), deixando de produzir-se nos inícios do séc V, como parecem indicar as formas e os motivos decorados imitados. Outras imitações, como a TSBT vermelha, continuam e aumentam a sua produção durante o segundo e terceiro quartel do século V, coincidindo com o

decrécimo das importações africanas. O estudo destes contextos do fórum de *Aeminium* evidenciam assim a relevância local deste fabrico (alaranjadas finas), assim como das comuns calcíticas e das designadas como grés, revestindo-se de grande interesse para compreender as dinâmicas comerciais internas de toda uma vasta região. Por outro lado, estes materiais (na medida em que nos fornecem datações precisas devido às formas que imitam ou nas quais se inspiram) mostram-se como importantes elementos cronológicos, podendo ajudar a datar com precisão contextos onde não se documentam importações, como aquele que foi identificado na igreja de S. João.

Finalmente, neste momento não temos dúvidas de que, para além dos níveis do século IV e do século V, no espaço do MNMC também se documentam horizontes mais tardios, datáveis de finais do século V/inícios do século VI e relacionáveis, por sua vez, com modificações constructivas estruturais no espaço do fórum. Disto constitui prova concludente a presença de cerâmicas focenses provenientes dos aterros do criptopórtico e também dos níveis de abandono que colmatavam a fonte adossada à fachada principal do fórum de *Aeminium*.

#### 4. Catálogo

##### **Cerâmicas descontextualizadas do piso superior do criptopórtico e Logradouro do Paço Episcopal (Fig. 2)**

1. TS Africana C3? (ARSW)/ Hayes 58A/ Logradouro/ Ø aprox. indet.
2. TSA D1 (ARSW)/ Hayes 59A/ Logradouro/ Ø aprox. indet.
3. TSA D1 (ARSW)/ Criptopórtico/ fundo decorado Style A(i)-(ii)/ Palmetas de nervura central alternando com círculos concêntricos (3).
4. TSA D1 (ARSW)/ Criptopórtico/ fundo decorado Style A (iii)?/ Grandes palmetas com nervura central alternando com grandes roseatas de oito folhas.
5. TS Focense (LRC)/ Hayes 3C/ Logradouro/ Ø aprox. 30 cm.
6. TSF (LRC)/ Fundo da forma Hayes 3/ Logradouro/ Ø aprox. ext. do pé 18 cm.
7. TSF (LRC)/ Fundo decorado da forma Hayes 3/ Logradouro/ lebre correndo/ variante não classificada do *Motif* 35 (Hayes, 1972)/ Ø aprox. indet.

**Contexto de abandono do fontanário romano (Figs. 4 a 8)**

**Cerâmica fina:**

1. TS Hispánica Drag. 29-37/ Ø aprox. 19,1 cm.
2. TSH Drag. 37/ Ø aprox. 23,7 cm.
3. TSH Drag. 15-17/ Ø aprox. 17,3 cm.
4. TSH Drag. 15-17/ Ø aprox. 19,4 cm.
5. TSH Drag. 15-17/ Ø aprox. 23,7 cm.
6. TSH Drag. 35/ Ø aprox. 14,6 cm.
- 7-8. TSH Paredes decoradas/
9. TS Africana C3 (ARSW)/ Hayes 50B/ Ø aprox. indet.
10. TSA D1/ Prato Hayes 58B/ Ø aprox. indet.
11. TSA D1/ Prato Hayes 59/ Ø aprox. 33,6 cm.
12. TSA D1/ Fundo decorado com rosetas de pequeno tamanho/ Style A(i)-(ii), Type 44g (Hayes 1972)
13. TS Focense (LRC)/ Prato-Tigela Hayes 3C-E/ Ø aprox. 29 cm.
14. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXIX-611-612/ Ø aprox. 19 cm.
15. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXIX-613/ Ø aprox. 20 cm.
16. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXIX-613/ Ø aprox. indet.
17. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXIX-613/ Ø aprox. 20 cm.
18. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXIX-613/ Ø aprox. 21 cm.
19. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-614/ Ø aprox. 18,6 cm.
20. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma indeterminada/ Ø aprox. 13,8 cm.
21. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-617/ Ø aprox. 19,4 cm.
22. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. 16,2 cm.
23. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. 20 cm.
24. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. 15,9 cm.
25. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. 12 cm.
26. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. 21 cm.
27. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619-621/ Ø aprox. indet.
28. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-622/ Ø aprox. 19,2 cm.
29. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-622/ Ø aprox. 19,4 cm.
30. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela,

- Forma *Conimbriga* XXX-622/ Ø aprox. 17 cm.
31. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-622/ Ø aprox. 18 cm.
32. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXXIII-678/ Ø aprox. 17,1 cm.
33. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXX-638/ Ø aprox. 22 cm.
34. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXI-646/ Ø aprox. 22,6 cm.
35. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXX-635/ Ø aprox. 12,6 cm.
36. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXI-656B/ Ø aprox. 24,9 cm.
37. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXI-656/ Ø aprox. indet.
38. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXI-656B/ Ø aprox. 26 cm.
39. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXII-657/ Ø aprox. 22 cm.
40. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato Forma *Conimbriga* XXXII-657/ Ø aprox. indet.

**Lucernas:**

41. Bética de forma indeterminada/ com decoração em ovas, separado do disco por uma canelura/ Ø aprox. 100 mm.
  - 42a. Local/regional/ Forma XXX / Ø aprox. indet.
  - 42b. Local/regional/ Brinquedo / Ø aprox. 50 mm.
- Ânforas:**
43. Lusitana/ Forma Almagro 51C, Var. B/ Ø aprox. 12,6 cm.
  44. Bética/ Forma Dressel 20/ Ø aprox. 18 cm.

**Cerâmica comum e de cozinha:**

45. Pote em alaranjada polida/ Ø aprox. 12,9 cm.
46. Pote em alaranjada polida/ Ø aprox. 12,9 cm.
47. Potinho ou bilha em alaranjada polida/ Ø aprox. 6,3 cm.
48. Potinho em alaranjada polida/ Ø aprox. 7,2 cm.
49. Pote em cinzenta polida/ Ø aprox. 12,9 cm.
50. Pote em cinzenta polida/ Ø aprox. 12,9 cm.
51. Fragmento indet. de cerâmica pintada a branco/ Ø aprox. indet.
52. Fragmento indet. de cerâmica pintada a branco/ Ø aprox. indet.
53. Jarro? em cerâmica comum fina/ Ø aprox. 18,4 cm.
54. Jarro em cerâmica comum fina/ Ø aprox. 7 cm.
55. Bilha em cerâmica comum fina/ Ø aprox. 3,9 cm.

56. Talha de fabrico Pombal-Barracão/ Ø aprox. 40 cm.
57. Talha de fabrico Pombal-Barracão/ Ø aprox. indet.
58. C. calcítica (C. calcaire)/ Panela Forma *Conimbriga* XXXIV-693/695/ Ø aprox. 23 cm.
59. C. calcítica (C. calcaire)/ Panela Forma *Conimbriga* XXXIV-693/695/ Ø aprox. 18,4 cm.
60. C. calcítica (C. calcaire)/ Panela Forma *Conimbriga* XXXIV-693/695/ Ø aprox. 14,1 cm.
61. C. calcítica (C. calcaire)/ Pote Forma *Conimbriga* XXXIV-696/ Ø aprox. 8,8 cm.
62. C. calcítica (C. calcaire)/ Pote/Talha Forma *Conimbriga* XXIV-699/ Ø aprox. 22 cm.
63. C. calcítica (C. calcaire)/ Pote/Talha Forma *Conimbriga* XXIV-699/ Ø aprox. 23 cm.
64. C. calcítica (C. calcaire)/ Talha Forma *Conimbriga* XXXIV-700-701/ Ø aprox. 32 cm.
65. C. calcítica (C. calcaire)/ Pote Forma *Conimbriga* XXXIV-700-701/ Ø aprox. 18 cm.
66. C. calcítica (C. calcaire)/ Taça Forma *Conimbriga* XXXIII-687/ Ø aprox. 24 cm.
67. C. calcítica (C. calcaire)/ Almofariz Forma *Conimbriga* XXXIII-688/ Ø aprox. 24 cm.
68. Alaranjada grosseira (Grès)/ Taça Forma *Conimbriga* XXXVI-728-729/ Ø aprox. 23 cm.
69. Alaranjada grosseira (Grès)/ Taça Forma *Conimbriga* XXXVI-739/ Ø aprox. 20,4 cm.
70. Alaranjada grosseira (Grès)/ Taça Forma *Conimbriga* XXXVI-716/ Ø aprox. 25 cm.
71. Alaranjada grosseira (Grès)/ Taça Forma *Conimbriga* XXXVI-739/ Ø aprox. 24 cm.
72. Alaranjada grosseira (Grès)/ Prato-Frigideira/ Ø aprox. 23,4 cm.
73. Alaranjada grosseira (Grès)/ Almofariz Forma *Conimbriga* XXII-391/ Ø aprox. 28,8 cm.
74. Alaranjada grosseira (Grès)/ Pote/ Ø aprox. 11,6 cm.
75. Alaranjada grosseira (Grès)/ Pote/ Ø aprox. 10 cm.
76. Alaranjada grosseira (Grès)/ Potinho polido/ Ø aprox. 6,6 cm.
77. Alaranjada grosseira (Grès)/ Jarra/ Ø aprox. 5 cm.
78. Cerâmica cinzenta de cozinha/ Pote/ Ø aprox. 13 cm.
79. Cerâmica cinzenta de cozinha/ Pote/ Ø aprox. 10,6 cm.
80. Cerâmica cinzenta de cozinha/ Pote/ Ø aprox. indet.
81. Cerâmica de cozinha/ fundo de assador ou coador/ Ø aprox. ext. pé 12 cm.
- Outros elementos cerâmicos:**
82. *Pondus* com numeral XIX
83. Fusaíola

#### Contexto tardo-antigo da Igreja de S. João

##### (Fig. 10)

1. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato, Forma *Conimbriga* XXXI-643-645/ Ø aprox. 33 cm.
2. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Prato, Forma *Conimbriga* XXXI-645/ Ø aprox. 26 cm.
3. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Fundo decorado de um prato com estampilha de um quadrado reticulado/ Ø aprox. indet.
4. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-621/ Ø aprox. 18 cm.
5. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619/ Ø aprox. indet.
6. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-619? / Ø aprox. indet.
7. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma *Conimbriga* XXX-613/ Ø aprox. indet.
8. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Tigela, Forma indet./ Ø aprox. indet.
9. Alaranjada Fina (Orangée fine)/ Fundo de Forma indet./ Ø aprox. indet.
10. Ânfora da Galiza/ Forma Regional II = Almagro 50/ Ø aprox. indet.

#### Bibliografia citada

- ALARCÃO, Adília (1994) - *Museu Monográfico de Conimbriga: coleções*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ALARCÃO, Jorge de (1975) - *Fouilles de Conimbriga V. La céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) - *Conimbriga. 20 anos depois*. In CORREIA, Virgílio Hipólito, ed. - *Perspectivas sobre Conimbriga*. Conimbriga: Museu Monográfico de Conimbriga, pp. 97-114.
- ALARCÃO, Jorge de; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1976) - *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.

- ALARCÃO, Jorge de; ANDRÉ, Pierre; BARRELAS, Paulo; CARVALHO, Pedro C.; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2009) - *O forum de Aeminium: a busca do desenho original / The Forum of Aeminium: the search for the original design*. Lisboa: Instituto Português de Museus; EDIFER.
- ATLANTE I (1981) - *Atlante delle forme ceramiche, I. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*. In *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- BONIFAY, Michel (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Archaeopress.
- CARVALHO, Pedro C. (1998) - *O forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CARVALHO, Pedro C. (no prelo) - O final do mundo romano: (des)continuidade e/ou (in)visibilidade do registo nas paisagens rurais do interior norte da Lusitânia. In *Atas da VIII Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana: entre Romanos e Bárbaros* (Mangualde, 10 e 11 de maio de 2013).
- CARVALHO, Pedro; MATIAS, Dina; RAMOS, Ana; RIBEIRO, Carla; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2010) - Caminhando em redor do forum de Aeminium (Coimbra, Portugal). In NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. - *Ciudad y foro en Lusitania romana/cidade e foro na Lusitânia romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 69–88.
- CORREIA, Vergílio (1946) - *Obras, I*. Coimbra: Universidade.
- DAVID, Pierre (1947) - *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Lisboa: Portugalia Editora; Paris: Les Belles Lettres.
- DE MAAN, Adrian (2004) - Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 459–471.
- DELGADO, Manuela (1975) - Les sigillées claires. In ALARCÃO, Jorge; ÉTIENNE, Robert, eds. - *Fouilles de Conimbriga IV. Les sigillées*. Paris: De Boccard, pp. 249–316.
- DELGADO, Manuela; MORAIS, Rui (2009) - *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM.
- DELGADO, Manuela; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; QUARESMA, José Carlos; MORAIS, Rui (2014) - Una aproximación a la *terra sigillata* africana de Bracara Augusta (Braga, Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta 43*. Bonn, pp. 671–680.
- FABIÃO, Carlos (1996) - O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas no Baixo-império. In FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge, eds. - *Ocupação romana nos estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras jornadas sobre Romanização dos estuários do Tejo e Sado, Seixal, 1991*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal; Publicações Dom Quixote, pp. 329–342.
- FABIÃO, Carlos (2009) - O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanumium* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 4, pp. 25–50.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2013) - *O comercio tardoantigo no Noroeste Peninsular: unha análise da Galicia sueva e visigoda a traves do rexistro arqueolóxico*. Noia: Toxosoutos.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) - *El comercio tardoantigo (ss. IV–VII) en el Noroeste Peninsular a partir del registro cerámico de la Ría de Vigo*. Oxford: Archaeopress.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; MORAIS, Rui (2012) - *Terra Sigillata Bracarense Tardía (Tsbt)*. O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável (Delgado 1993-94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009). In BERNAL CASASOLA, Dario; RIBERA I LACOMB, Albert, eds. - *Cerâmicas Hispanorromanas II*. Cádiz: Universidad, pp. 131–174.
- HAYES, John Walter (1972) - *Late Roman pottery*. London: British School at Rome.
- MACKENSEN, Michael (2003) - *Die spätantiken Sigillata- und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunisien): Studien zur nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts*. München: Beck.
- MORAIS, Rui (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta: contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Bracara Augusta, Escavações Arqueológicas 2. Braga: UAUM/Narq.
- OLEIRO, João Manuel Bairrão (1955–1956) - O criptopórtico de Aeminium. *Humanitas*. Coimbra. 7–8, pp. 151–160.
- QUARESMA, José Carlos (2011) - Les importations de sigillée et de céramique culinaire africaine dans la villa du Rabaçal (Lusitania): IVème siècle - début de VIème siècle. In *Congrès international de la Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule (S.F.E.C.A.G.), 2011, Jun 2011, Arles, France*. Arles: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, pp. 381–388.